

Os Estereótipos: Uma revisão Sistemática das Publicações Conceituais

Israel Jairo^{1,*}

Orcid.org/0000-0001-5684-6070

Dalila Xavier de França¹

Orcid.org/0000-0002-0431-3034

¹Programa de Pós Graduação, Grupo de Pesquisa Socialização das Atitudes Intergrupais e Racismo, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

Resumo

Os estudos apontam os estereótipos como um importante fenômeno que compõe a compreensão da realidade intergrupar, sendo os estereótipos amplamente investigado pela psicologia, sobretudo pelos impactos que eles causam nas mais diferentes áreas da vida social. De modo que, objetivou-se nesta revisão sistemática explorar a conceituação, caracterização, aspectos subjacentes dos estereótipos e a interface racial deste fenômeno a partir de artigos e capítulos de livros publicados na psicologia nos últimos 40 anos. Utilizou-se os descritores com operadores booleanos “teoria AND estereótipos AND estereótipos raciais”, “estereótipos raciais AND racismo”; “estereótipos AND revisão” para as bases nacionais Scielo e PePSIC; e os descritores homônimos na língua inglesa nas bases internacionais PsycInfo, Sage, Scopus, Science Direct e Cochrane. A partir do *corpus* analisado constatou-se que as publicações hegemonicamente apresentam a perspectiva da psicologia social para descrever os estereótipos. A conceituação do fenômeno está ligada a Teoria da Identidade Social – TIS e a partir dos objetivos de cada trabalho o fenômeno é apresentado com ênfase em aspectos cognitivos distintos, sendo a categorização e os esquemas os mais utilizados. Conclui-se que embora seja um tema bastante pesquisado aparentemente, a tímida publicação de estudos revisionais da teoria em bases de dados seja um aspecto que merece maiores investigações futuras.

Palavras-chave: estereótipos, conceito, psicologia social, revisão.

The Stereotypes: A Systematic Review of Conceptual Publications

Abstract

The studies point to stereotypes as an important phenomenon that makes up the understanding of intergroup reality, being the stereotypes widely investigated by psychology, especially for the impacts they cause in many different areas of social life. Thus, this systematic review aimed to explore the

* Correspondência: Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, Avenida Marechal Rondon, Jardim, s/n, Rosa Elze, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. israeljairo@hotmail.com.

conceptualization, characterization, and underlying aspects of stereotypes and the racial interface of this phenomenon based on articles and book chapters published in psychology in the last 40 years. We used the descriptors with Boolean operators “theory AND stereotypes AND racial stereotypes”, “racial stereotypes AND racism”; “stereotypes AND review” for the national databases Scielo and PePSIC; and the homonymous descriptors in English in the international databases PsicInfo, Sage, Scopus, Science Direct and Cochrane. From the analyzed corpus it was found that the publications hegemonically present the perspective of social psychology to describe the stereotypes. The conceptualization of the phenomenon is linked to the Social Identity Theory - SIT, and from the objectives of each work, the phenomenon is presented with emphasis on different cognitive aspects, with categorization and schemas being the most used. It is concluded that although it is an apparently well researched theme, the timid publication of revision studies of the theory in databases is an aspect that deserves further investigation.

Keywords: stereotypes, concept, social psychology, review.

Estereotipos: Una Revisión Sistemática de las Publicaciones Conceptuales

Resumen

Los estudios señalan a los estereotipos como un importante fenómeno que conforma la comprensión de la realidad intergrupal, siendo los estereotipos ampliamente investigados por la psicología, especialmente por los impactos que provocan en los más diversos ámbitos de la vida social. Por lo tanto, esta revisión sistemática tenía como objetivo explorar la conceptualización, la caracterización y los aspectos subyacentes de los estereotipos y la interfaz racial de este fenómeno, basándose en artículos y capítulos de libros publicados en psicología en los últimos 40 años. Se utilizaron los descriptores con operadores booleanos “teoría AND estereotipos AND estereotipos raciales”, “estereotipos raciales AND racismo”; “estereotipos AND revisión” para las bases de datos nacionales Scielo y PePSIC; y los descriptores homónimos en inglés en las bases de datos internacionales PsicInfo, Sage, Scopus, Science Direct y Cochrane. A partir del corpus analizado, se comprobó que las publicaciones presentan hegemonicamente la perspectiva de la psicología social para describir los estereotipos. La conceptualización del fenómeno está ligada a la Teoría de la Identidad Social - TIS y a partir de los objetivos de cada trabajo, el fenómeno se presenta con énfasis en distintos aspectos cognitivos, siendo la categorización y los esquemas los más utilizados. Se concluye que, aunque es un tema aparentemente bien investigado, la tímida publicación de estudios de revisión de la teoría en bases de datos es un aspecto que merece una mayor investigación.

Palabras-clave: estereotipos, concepto, psicología social, revisión.

Estudos que abordam direta ou indiretamente o preconceito, discriminação e racismo e suas implicações nas sociedades contemporâneas tem ganhado a atenção e se constituído em objeto de interesse de diversas áreas (psicologia social, sociologia, antropologia, ciências políticas), pois buscam desvelar fenômenos que contextualizam a ambiguidade social da coexistência de práticas preconceituosas e/ou discriminatórias e/ou racistas com ideias de

igualitarismo/igualdade na mesma sociedade. A literatura psicológica aponta os estereótipos sociais como importante fenômeno que embasam essa realidade incongruente e justificam a manutenção das assimetrias de poder entre os grupos na atualidade (Jost & Banaji, 1994). De modo que objetivou-se nesta revisão sistemática explorar a conceituação, caracterização, aspectos subjacentes dos estereótipos e a interface racial deste fenômeno a partir de artigos e ca-

pítulos de livros publicados na psicologia nos últimos 40 anos.

A compreensão dos estereótipos é parcela muito importante da visão sobre as relações intergrupais, pois enquanto aspecto cognitivo, eles estruturam as atitudes e as condutas sociais; ou seja, eles são aspectos basilares das emoções, sensações e comportamentos emitidos contra membros de grupos ou categoria distintas (Pereira, 2019), sendo, portanto, esse o fator primordial para investigarmos, a luz da psicologia social, a ambiguidade anteriormente relata.

As relações intergrupais de modo geral, atualmente constituem-se em um grande campo de estudo da psicologia social que objetiva a compreensão real dos aspectos que compõe a dinâmica das relações entre diferentes grupos, examinando as lógicas, o funcionamento, e organização de como se dão as interações sociais entre eles. E os estereótipos, enquanto dimensão cognitiva que caracteriza as relações intergrupais, é um dos objetos de interesse deste campo de estudo (Fiske et al., 2002).

Inicialmente definidos como imagens mentais, os estereótipos foram entendidos como representações distorcidas e exageradas a respeito dos grupos sociais (Lippmann, 1922). Outrossim Allport (1954) os definiu como crenças que são associadas a categorias sociais; reafirmando a dimensão cognitiva a qual os estereótipos estão atrelados na compreensão do viés intergrupar, diferentemente das dimensões afetiva (que comporta a antipatia inerente ao preconceito) e a dimensão comportamental que abrange a discriminação (Fiske, 1998).

Na segunda metade do século XX, diversos estudos empíricos trouxeram grandes contribuições e diversas teorias foram ancoradas em pesquisas sobre os estereótipos tendo como ponto de partida as teorias sociocognitivas. A exemplo, houve as pesquisas que se centraram na interpretação do grau de consenso e homogeneidade de percepção de grupos étnicos numa mesma universidade em tempos distintos (Gilbert, 1951; Karlins et al., 1969; Katz & Braly, 1933), na identificação do conteúdo dos estereótipos sendo resultantes de associações com os sentimentos e

as emoções dos sujeitos (Fiske et al., 2002); no processo de ativação automática dos estereótipos (Devine, 1989) ou controlada e atrelada a processos cognitivos (Oakes & Turner, 1990).

Em suma, é consenso que os estereótipos possuem grande impacto nas atitudes e ações das pessoas e por conseguinte, nas relações intergrupais. O que torna possível mensurar o poder contido nos estereótipos de perpetuar e naturalizar as desigualdades construídas historicamente entre os grupos, de modo que os estereótipos se constituem num importante fenômeno que ajuda a compreender a sociedades atuais a partir das relações intergrupais, assimetrias de poder e desigualdades estabelecidas para aquela realidade (Pereira, 2021).

Analisando a realidade social brasileira no que tange as relações entre os grupos raciais é fato que o mesmo na atualidade as assimetrias de poder e desigualdade são marcas que acompanham e modelam a estrutura estabelecida neste país, onde os negros são mantidos na condição desvantajosa. E para tal realidade, a literatura psicológica apresenta os estereótipos como fenômeno participante deste processo no qual entre muitos objetivos, cumpre o papel de mantenedores do status quo do grupo dominante (Tajfel, 1981).

Desse modo, intencionados numa melhor compreensão dos estereótipos e o funcionamento dos estereótipos raciais que foi objetivado nesta revisão sistemática explorar a conceitualização, caracterização, aspectos subjacentes dos estereótipos e a interface racial a partir de artigos e capítulos de livros publicados na psicologia nos últimos 40 anos. De modo geral, a teoria da Identidade social (TIS) de Tajfel (1981) é uma das grandes responsáveis pelos avanços nas discussões a respeito da origem, desenvolvimento e processos da estereotipia (Techio, 2011), de modo que por esta razão utilizamos o período temporal de 40 anos para realizarmos as buscas. Entretanto, queremos investigar outras possíveis abordagens teóricas concorrentes, quais as semelhanças e diferenças nessas abordagens? O que tem se discutido a respeito da teoria? Quais construtos cognitivos estão relacionados? Quais

os aspectos mais relevantes ou citados pelos autores? Quais as consequências relatadas? Quais as especificidades que caracterizam os estereótipos raciais? Qual a produção e discussão dos estereótipos com interface racial? Quais as lacunas apresentadas sobre o assunto?

Este trabalho se faz necessário pois é colaborativo com uma temática amplamente estudada pelos psicólogos sociais no que tange as interações intergrupais, ao passo que amplia a compreensão sobre fenômenos do preconceito, discriminação e racismo que são tão presentes em sociedades racialmente marcadas pela composição de povos distintos com foi a brasileira.

Ademais, enquanto produção científica tal estudo se debruça sobre um fenômeno que têm sido amplamente discutidos em trabalhos empíricos sendo analisados em diversas perspectivas, populações e contextos. Contudo, neste trabalho buscamos identificar as discussões teóricas a respeito deles, focando numa revisão sistemática da literatura sobre os estereótipos e a interface racial para avaliarmos a produção da psicologia brasileira e internacional sobre este fenômeno.

Método

Realizou-se uma busca nas bases de dados nacionais Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), PePSIC (<http://pepsic.bvsalud.org/>), e nas bases internacionais PsycInfo (<https://www.apa.org/pubs>), Sage (<http://journals.sagepub.com/>), Scopus (<https://www.scopus.com/home.uri>), Science Direct (<https://www.sciencedirect.com/>) e Cochrane (<https://www.cochranelibrary.com/>). Nas duas primeiras, os termos de busca utilizados com operadores booleanos foram “teoria AND estereótipos AND estereótipos raciais”; “estereótipos raciais AND racismo”; “estereótipos AND revisão sistemática”. Nas internacionais foram utilizados os termos “*theory AND stereotypes AND racial stereotypes*”, “*racial stereotypes AND racism*” e “*stereotypes AND systematic review*”. A busca teve delimitação temporal dos últimos 40 anos, ou seja, publicações entre 1981 e março de 2021, quando a pesquisa foi realizada. Os idiomas para delimitar as publicações foram o português e inglês, e por fim, as delimitações do tipo de documento: artigos de revisão, e capítulo de livro foram utilizadas para esta revisão. Como o interesse dessa revisão foi conceituar, caracterizar os estereótipos pela psicologia, delimitou-se aos artigos de revisão, revisão sistemática e capítulos de livros encontrados a partir da *string* de busca.

Utilizou-se a ferramenta Start versão 2.3 para a operacionalização dos resultados encontrados e num primeiro momento foram excluídos os registros duplicados entre as bases consultadas. Os critérios de inclusão para esta revisão foram: (a) artigos teóricos e capítulo de livro que tenham relação entre estereótipo e racismo; (b) seja o primeiro autor e/ou a revista da área de psicologia e (c) que apresentem a definição e caracterização do estereótipo no mesmo documento. E os critérios de exclusão foram: (a) ser um artigo empírico; (b) com mais de 40 anos de publicação; (c) tratar exclusivamente sobre racismo, (d) ser capítulo de dissertação; (e) não ser o autor ou a revista/jornal/livro da área da Psicologia; (f) não estar disponível na internet.

Na primeira fase de seleção, os critérios de inclusão a e b foram aplicados a partir do título, palavras-chaves e resumos dos registros. Na sequência, os registros que atenderam aos critérios anteriores foram recuperados e submetidos ao critério de inclusão c. E nesta fase também foi aplicado critério de exclusão f, ou seja, foram excluídos os artigos que não estavam disponíveis os textos na íntegra. As análises dos registros incluídos nesta revisão levaram em consideração a natureza (e.g., trabalho teórico, revisão de literatura etc.) e o tema do estudo, a base teórica, os construtos que envolvem os estereótipos. O processo de seleção dos artigos contou com dois juízes independentes e, nos casos em que houve discordância, foi realizada uma nova análise.

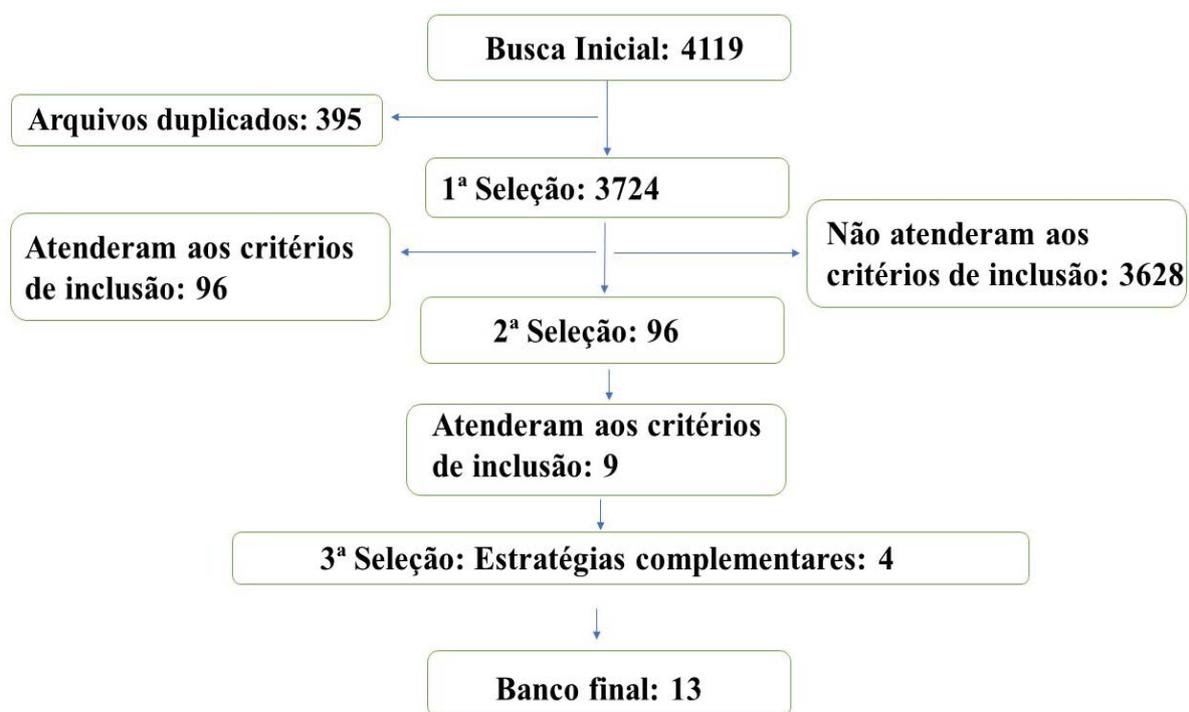
Em razão da padronização nos termos utilizados nas pesquisas de revisão sistemáticas, algumas delas valeram-se de estratégias complementares para tornar a busca mais abrangente (Costa & Zoltowski, 2014; DeSousa et al., 2013; Zoltowski et al., 2014) e de igual forma foi rea-

lizado nesta pesquisa. Sendo assim, a estratégia complementar usada foi a busca nas referências dos artigos selecionados por textos que atendessem aos critérios de inclusão estabelecidos para esta revisão conforme Sacco et al. (2016).

A busca inicial nas bases de dados resultou num total de 4119 registros (SciELO: 47, PePSIC: 0; Scopus: 1495; Science Direct: 1190, Sage: 1304, PsycInfo: 74, Cochrane: 9), sendo apenas 47 provenientes das bases nacionais. Inicialmente, 395 registros duplicados foram excluídos; e dos 3724 restantes, apenas 96 atenderam aos

critérios de inclusão, 3628 não passaram para a próxima etapa. Na etapa seguinte, em que a leitura do texto completo foi realizada, apenas 9 registros atenderam ao critério de inclusão de apresentem a definição e caracterização dos estereótipos e 87 arquivos foram excluídos (ver Figura 1). No tocante às estratégias complementares, a busca nas listas de referência teve como resultado a inclusão de 4 novos trabalhos. Assim, o banco final incluído na análise deste estudo foi constituído por 13 trabalhos (ver Tabela 1), destacados com asterisco na lista de referências.

Figura 1
Fluxograma de Seleção dos Trabalhos



Resultados e Discussões

Os resultados serão apresentados de forma descritiva, considerando o conteúdo das publicações deste *corpus* no que se refere à conceitualização dos estereótipos, a ocorrência de elementos cognitivos abordados pelos autores(as), à abordagem de aspectos conceituais como a formação/ativação dos estereótipos, ao conteúdo e às funções que desempenham e a ocorrência de discussões dos estereótipos com a interface racial

do fenômeno. Desse modo objetivou-se nesta revisão sistemática da literatura, explorar a conceitualização, caracterização, aspectos subjacentes dos estereótipos e a interface racial deste fenômeno a partir de artigos e capítulos de livros publicados na psicologia nos últimos 40 anos. Decidimos relatar de forma conjunta os resultados e as discussões sobre o que foi encontrado e as lacunas desta revisão com base na literatura existente.

O primeiro resultado a ser relatado reside no quantitativo de estudos que integram o *corpus*

Tabela 1
Artigos e Capítulos que Fazem Parte do Corpus Analisado

Tipo do Doc	Autores	Ano	Título
Capítulo de livro	Cuddy et al.	2008	Warmth and competence as universal dimensions of social perception: The stereotype content model and the BIAS Map
Artigo	Chalabaev et al.	2013	The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions
Artigo	Smith & Alpert	2007	Explaining police bias: A theory of social conditioning and illusory correlation
Artigo	Abreu	2001	Theory and research on stereotypes and perceptual bias: A didactic resource for multicultural counseling trainers
Artigo	Uhlmann et al.	2010	The motives underlying stereotype-based discrimination against members of stigmatized groups
Artigo	Valiquette-Tessier et al.	2015	Is family structure a cue for stereotyping? A systematic review of stereotypes and parenthood
Artigo	Dordoni & Argentero	2015	When age stereotypes are employment barriers: a conceptual analysis and a literature review on older workers stereotypes
Artigo	Czopp et al.	2015	Positive stereotypes Are pervasive and powerful
Capítulo de livro	Hummert et al.	1999	A social cognitive perspective on age stereotypes
Capítulo de livro	Dovidio et al.	2009	Prejudice, stereotyping and discrimination-Theoretical and empirical overview
Artigo	Blalock & Devellis	1985	Stereotyping-The-link-between-theory-and-practice
Capítulo de livro	Yzerbyt et al.	1997	Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception
Artigo	Hamilton et al.	1990	Stereotype-based expectancies-effects on information processing

deste trabalho, pois, se considerarmos a dimensão, relevância social e material produzido a respeito dos estereótipos, os 13 trabalhos integrantes deste *corpus* representam um quantitativo muito aquém da produção relacionada ao fenômeno. E para tal realidade, entendemos que os critérios

de busca estabelecidos para esta revisão, de certo impactaram na quantidade de estudos selecionados.

Ademais, pode-se conjecturar da quantidade de estudos empíricos que envolvem a temática que ela sinaliza e/ou favorece a compreen-

são de que a ciência psicológica a respeito dos estereótipos enfatiza mais a validação dos achados teóricos já estabelecidos. Ou noutra perspectiva de análise, conjectura-se que a pouca incidência de trabalhos de revisão da literatura sobre os estereótipos possa ser explicada pela cultura acadêmica de supervalorizar os estudos que experimentem a teoria em detrimento de discussões, fato que é percebido na exigência de muitas revistas científicas para eleger o material como publicável; e as discussões revisionais estejam mais limitadas a livros (Hohendorff et al., 2016).

Outro achado geral diz respeito à área de concentração das publicações sobre o tema, que a partir deste *corpus*, evidenciou-se ser a psicologia social, unanimemente, e todos os trabalhos tinham por base a conceitualização a partir da perspectiva teórica sociocognitiva. Esta perspectiva é argumentada por Hummert et al., (1999) como mais adequada para conceitualizar os estereótipos. Segundo eles, em detrimento da perspectiva sociocultural, que se limitava a destacar as raízes culturais e da natureza compartilhada dos estereótipos, e da perspectiva psicodinâmica, a qual sustentava o entendimento de que residia na personalidade autoritária a predisposição a estereotipar os outros, a perspectiva sociocognitiva, preencheu lacunas ignoradas pelas anteriores no que diz respeito a quando e como os estereótipos influenciam as percepções e comportamentos do observador em relação aos outros.

Uma terceira análise a respeito deste *corpus* diz respeito aos temas transversais que a temática estava relacionada neste *corpus*. Observou-se que os trabalhos deste *corpus* também sinalizam para a amplitude da aplicabilidade dos estereótipos quando se trata da compreensão do mundo social pelo observador, podendo ser relacionados ao gênero (Chalabaev et al., 2013), raça/etnia (Abreu, 2001; Smith & Alpert, 2007; Uhlmann et al., 2010), idade (Dordoni & Argentero, 2015; Hummert et al., 1999), papéis sociais e profissionais (Blalock & Devellis, 1985; Valiquette-Tessier et al., 2015), além das diversas exemplificações trazidas nos textos que são marcadas pelo seu caráter de revisão conceitual

(Czopp et al., 2015; Cuddy et al., 2008; Dovidio et al., 2009; Hamilton et al., 1990; Yzerbyt et al., 1997). Em suma, a variabilidade de temas abordados, em si já é um indicativo da complexidade/aplicabilidade do fenômeno, que se revelam desde os seus aspectos conceituais até mesmo ao contexto em que ele se processa.

A quarta análise a respeito deste *corpus* trata da identificação da abordagem dos estereótipos com interface racial, e observou-se que apenas dois textos tiveram como discussão central aspectos e exemplos dos estereótipos raciais (Abreu, 2001; Smith & Alpert, 2007; Uhlmann et al., 2010), entretanto, vale ressaltar que eles eram aspectos coadjuvantes aos quais os autores se valiam de exemplos para explicar a conceitualização da temática sobre a estereotipia. Desse modo, tal resultado revela uma realidade crítica de que em textos revisionais os estereótipos raciais são pouco explorado.

Da História da Conceitualização dos Estereótipos

Quanto às análises com relação à história da conceitualização dos estereótipos, o *corpus* analisado apresentou direta ou indiretamente Allport (1954), Lippmann (1922) e Tajfel (1981) como teóricos ligados à conceitualização do fenômeno. A exemplo do texto de Hummert et al. (1999) que apresentou Lippmann (1922) como responsável por abrir o caminho para a compreensão atual dos estereótipos pela psicologia quando atribuiu um significado social ao termo, e os definiu como “imagens na cabeça”, no sentido de que elas seriam representações do meio social.

Posteriormente, Yzerbyt et al. (1997) ressaltaram a contribuição de Allport (1954) quando em sua obra *The Nature of Prejudice*, explicitou os aspectos inerentes à perspectiva do sujeito em perceber o outro como um representante do grupo, desprovido de individualidade e inferindo a ele atributos somente por pertencer a determinado grupo. E sequencialmente, Yzerbyt et al. (1997) e Dovidio et al., (2009) reconheceram que Tajfel (1981) aprofundou a discussão sobre o funcionamento cognitivo adaptativo investigando as causas psicológicas para as tensões in-

tergrupais. Sendo assim, esses *insights* teóricos tornam-se reveladores da influência da revolução cognitiva sobre o entendimento dos estereótipos, vindo a se estabelecer enquanto perspectiva de análise do fenômeno para os dias atuais (Yzerbyt et al., 1997), de modo que as definições apresentadas pelos trabalhos que compuseram o *corpus* analisado estavam de acordo com os teóricos dos estereótipos citados anteriormente.

Das Definições dos Estereótipos

Quanto às definições do fenômeno encontradas nesse *corpus*, as análises do conteúdo nos permitiram distinguir dois grupos distintos, um com base na aproximação teórica com as premissas apresentadas por Allport (1954) e o outro com a perspectiva teórica de Tajfel (1981), ambos teóricos que são historicamente atrelados ao conceito dos estereótipos.

Desse modo, constatou-se que sete trabalhos analisados (Blalock & Devellis, 1985; Chalabaev et al., 2013; Hamilton et al., 1990; Smith & Alpert, 2007; Uhlmann et al., 2010; Valiquette-Tessier et al., 2015; Yzerbyt et al., 1997) apresentam em sua definição um caráter teórico que os aproximava da perspectiva investigada por Allport (1954), na medida em que enfatizaram uma compreensão do fenômeno a partir dos aspectos categoriais em perceber o outro grupo. Observou-se que Hamilton et al. (1990) definiram os estereótipos como estruturas cognitivas que contêm o conhecimento e as crenças do observador sobre um grupo social e seus membros, afirmando que os estereótipos são uma fonte de expectativas de como é o grupo, bem como de quais atributos que os membros do grupo, individualmente, possuem ou devem possuir.

Yzerbyt et al., (1997) definiram os estereótipos como “*shared beliefs about person attributes, usually personality traits, but often also behaviours, of a group of people*”. Ademais, Blalock e Devellis (1985) os definiram como um conjunto de crenças sobre os atributos pessoais de um grupo de pessoas. Essa compreensão se assemelha à definição de Valiquette-Tessier et al.

(2015) de que estereótipos são uma categoria de esquemas cognitivos na qual o conceito principal é um grupo de pessoas que compartilham uma característica. Outra compreensão parecida é apresentada por Smith e Alpert (2007, p. 1269) ao definirem que os “*Stereotypes are cognitive structures contained within the mind of the perceiver, and they are made up of the perceiver’s knowledge, beliefs, and expectations regarding an identifiable social group*”.

Em contrapartida as definições apresentadas por Abreu (2001), Cuddy et al. (2008), Czopp et al. (2015), Dordoni e Argentero (2015), Dovidio et al. (2009) e Hummert et al. (1999) acrescentam ao conceito dos estereótipos o componente grupal, aspecto que é sutilmente diferente das definições anteriormente apresentadas, e se insere na perspectiva de Tajfel (1981), sobre a qual as associações cognitivas das crenças e a percepção do grupo exercem claramente influência sobre o sujeito observador, sobretudo como produto das relações intergrupais. Dovidio et al., (2009, p. 5), por exemplo, descreveram os estereótipos como “*associations, and attributions of specific characteristics to a group*” que moldam o modo como as pessoas pensam e respondem a ele. De maneira semelhante, Czopp et al. (2015) definiram os estereótipos como crenças subjetivamente favoráveis ou não, sobre membros de grupos sociais que direta ou indiretamente conotam ou conferem vantagem/favorabilidade/superioridade e/ou seus opostos, com base na associação de categorias.

Uma análise mais genérica das diversas conceitualizações encontradas nesse *corpus*, leva-nos à compreensão de que nelas residem ao menos um fator *sine qua non* para o total entendimento dos estereótipos: os construtos da psicologia cognitiva. Ao definir os estereótipos como generalizações simplificadas demais sobre grupos ou categorias de pessoas, Lippmann (1922) proporcionou o entendimento de que tais generalizações poderiam ser identificadas como esquemas, como definiu Valiquette-Tessier et al. (2015), ou mesmo como protótipos, segundo

Dovidio et al. (2009), ou expectativa, contida na definição de Czopp et al. (2015). Em suma, as definições desse *corpus* convergem para a compreensão dos estereótipos como abstrações cognitivas organizadas dentro das quais as informações que chegam podem ser armazenadas e representadas na memória (Abreu, 2001).

Sendo assim, considerando as diversas conceituações e seus aspectos decorrentes dos *insights* de Allport (1954), Lippmann (1922) e Tajfel (1981), sintetizamos o conteúdo apresentado pelos autores deste *corpus* e adotamos uma definição dos estereótipos como estruturas cognitivas (crenças e esquemas) compartilhadas socialmente a respeito dos atributos de um grupo, usadas pelo observador para processar as informações coletadas do indivíduo alvo, de modo a promover associações que permitam a ele (o observador) inferir atributos do alvo apenas pelo enquadramento dele a determinado grupo ou categoria, ao passo que os pensamentos, ações, reações e as expectativas do observador em relação ao alvo sofrerão interferência dessas estruturas.

Até aqui os resultados relatados concernem à definição dos estereótipos, atendendo ao objetivo de explorar a conceitualização do fenômeno. A seguir, os achados tratarão da caracterização da temática no que concerne aos construtos subjacentes usados para sustentar a definição dos estereótipos, e a partir desta etapa, atenderemos a outra parte do objetivo desta pesquisa de investigar os elementos usados para comunicar/discutir os estereótipos.

Dos Aspectos Subjacentes dos Estereótipos

Da análise do *corpus* sobre os aspectos teóricos do processamento cognitivo, destacamos a perspectiva apresentada por Uhlmann et al. (2010) que destoa das apresentadas por todos os outros autores. Ao abordarem os aspectos subjacentes à discriminação baseada em estereótipos, Uhlmann et al. (2010) enfatizaram a racionalidade do uso dos estereótipos na medida em que as pessoas fazem uso deles para estabelecerem

juízos e expectativas. Eles apresentaram uma perspectiva baseada na racionalidade, ou seja, a ação consciente seria a marca motivacional para a discriminação. Diferentemente da ideia hegemônica apresentada ou subentendida nos outros textos desse *corpus* de que o processo da estereotipia é apresentado como predominantemente inerente e fora do controle consciente do sujeito (Cuddy et al., 2008; Czopp et al., 2015; Valiquette-Tessier et al., 2015). Uhlmann et al. (2010) apresentaram um aspecto teórico diferenciado o qual correlacionou a ativação/uso dos estereótipos com outras teorias, a exemplo da teoria da justificação de sistemas (Jost & Banaji, 1994), e a teoria de dominância social (Sidanius & Pratto, 1999), discutindo aspectos racionais no processamento dos estereótipos, e relatavam ser a falta de estudos dos aspectos racionais do processamento dos estereótipos uma lacuna nas discussões a compreensão sobre o fenômeno.

Quanto às discussões que envolvem o processo de formação/ativação dos estereótipos, observou-se que apenas sete trabalhos contemplaram este aspecto em seu corpo textual. De igual forma, as análises do *corpus* sobre a existência argumentativa ou discussões a respeito dos aspectos cognitivos do processo da estereotipia também somente foram abordadas em sete trabalhos deste *corpus* (Tabela 2).

A partir dos resultados anteriormente relatados, destacamos que o grande número de textos que não abordaram, discussões ou argumentaram sobre o processo de formação/ativação e os aspectos cognitivos do processo da estereotipia se configuram numa significativa lacuna de análise desses textos sobre a temática, pois nessas discussões residem aspectos basilares do funcionamento cognitivo no processamento da estereotipia. A percepção, por exemplo, é um construto que se faz necessária a compreensão sobre ele, pois ele se relaciona diretamente aos estereótipos. Observa-se que a literatura apresenta que os estereótipos possuem uma explicação de suas origens e ativação ligadas a aspectos da realidade social, entretanto, a percepção do

observador sobre o estímulo eliciador, o atributo evidente ou visível a ele pode ser distinto para cada sujeito. Contudo, salienta-se que nem de longe pode-se atribuir aos estereótipos uma conotação descritiva, objetiva ou verdadeira relacionada ao grupo (Abreu, 2001).

De certo que, na condição de percebedor, o sujeito contribui ativamente para a forma como percebe e compreende as pessoas e os eventos que fazem parte de sua vida social e; as informações disponíveis se tornam a base para uma série de processos que acrescentarão significado ao que o sujeito viu e aprendeu a respeito das pessoas e eventos, conforme argumentou Hamilton et al. (1990). Porém, a ausência de uma abordagem mais detalhada sobre o processamento dos estereótipos para textos que se propõem a discutir e caracterizar o fenômeno se constitui numa lacuna que talvez comprometa a compreensão adequada do fenômeno pelo leitor.

Quanto aos construtos da psicologia cognitiva utilizados para descrever os estereótipos, foi observado no *corpus* as referências diretas a eles, sendo considerado válida a menção se o referido construto tivesse relação com a temática do artigo e se em alguma parte do texto fosse contemplado a argumentação/exposição do construto, não se limitando a existência de um tópico específico para debatê-lo. Como resultado, observou-se que a categorização e os esquemas foram os mais discutidos pelos autores para detalhar o processo da estereotipia argumentado em seis e cinco trabalhos, respectivamente. Em seguida, a percepção e a cognição social foram abordados em dois trabalhos cada um deles; e construtos como a crenças, automaticidade e identidade social foram apresentadas em apenas um trabalho cada um (ver Tabela 2).

Em linhas gerais, os aspectos cognitivos sub-representados nos textos revelam a perda de uma importante parcela da compreensão e comunicação do fenômeno para este *corpus*.omite pontos teóricos amplamente discutidos na literatura. A percepção, por exemplo, é um importante construto pois integra toda experiência sensorial que é transmitida à consciência (Krü-

ger, 2004), sendo assim, extremamente importante para a compreensão cognitiva do processo da estereotipagem. E sobre ela há interferência de limitações psicológicas do sujeito observador (e.g. aspectos da personalidade, aspectos motivacionais, estado de humor e atitudes) e ambientais da informação (e.g. disposição da informação ou relevância), que fazem com que um mesmo cenário observado, seja percebido de maneira distinta em função da individualidade do sujeito (Fiske & Taylor 1984; Hamilton et al., 1990; Krüger, 2004).

A partir da compreensão de que a percepção do sujeito é seletiva (Hamilton et al., 1990), já pode-se argumentar que a interpretação dos eventos e das pessoas alvo do observador não corresponderão a uma verdade em si, mas, numa visão particularizada da realidade. Porém, no entanto, corriqueiramente essa percepção sofre influência das interações estabelecidas entre os indivíduos (Tajfel, 1981), o que configura um componente social interagindo nos recursos atencionais e na forma de perceber as pessoas e eventos.

Discutir sobre a percepção ao tratar dos estereótipos é importante, pois ela interfere no processamento das atitudes, motivações, sensações dos sujeitos enquanto membros pertencentes a grupos (Hamilton et al., 1990), entretanto foi pouco explorada como um construto subjacente aos estereótipos.

A cognição social também foi ignorada nas discussões e explicações argumentativas de boa parte do *corpus*, embora seja um importante ponto explicativo contextual dos estereótipos, pois sobre ela reside um componente particular de interpretação do mundo social. A cognição social busca a compreensão de como os indivíduos percebem a si próprios, os outros e, sobretudo, como esta percepção pode explicar os atos, julgamentos, previsões e influenciar o comportamento social do sujeito. Ela também pode ser entendida como a compreensão do sujeito sobre qualquer aspecto social, seja sobre si próprio, seja sobre um indivíduo, ou sobre um

Tabela 2
Construtos Utilizados pelos Autores do Corpus

Autores/Ano	Título	Discussões aspectos cognitivos	Ativação/Formação dos estereótipos	Categorização	Esquemas	Percepção social	Cognição social	Identidade social	Automaticidade	Crenças	Conteúdo
Cuddy et al. (2008)	Warmth and competence as universal dimensions of social perception: The stereotype content model and the BIAS Map										
Chalabaev et al. (2013)	The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions										
Smith & Alpert (2007)	Explaining police bias: A theory of social conditioning and illusory correlation	x	x	x	X		x	x			
Abreu (2001)	Theory and research on stereotypes and perceptual bias: A didactic resource for multicultural counseling trainers	x	x			x				x	
Uhlmann et al. (2010)	The motives underlying stereotype-based discrimination against members of stigmatized groups										
Valiquette-Tessier et al. (2015)	Is family structure a cue for stereotyping? A systematic review of stereotypes and parenthood	x	x		X						
Dordoni & Argentero (2015)	When age stereotypes are employment barriers: a conceptual analysis and a literature review on older workers stereotypes					X					
Czopp et al. (2015)	Positive stereotypes are pervasive and powerful										
Hummert et al. (1999)	A social cognitive perspective on age stereotypes	x	x	x	X						
Dovidio et al. (2009)	Prejudice, stereotyping and discrimination- Theoretical and empirical overview					x					
Blalock & Devellis (1985)	Stereotyping-the-link-between-theory-and-practice	x	x	x	X						
Yzerbyt et al. (1997)	Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception	x	x	x							
Hamilton et al. (1990)	Stereotype-based expectancies-effects on information processing	x	x	x		x	x	x	x		

papel social, grupos ou mesmo instituições. De modo que se constituem em formas explicativas sobre eventos ou circunstâncias em que o sujeito esteja envolvido, e são compartilhadas pelos grupos sociais (Fiske & Taylor, 1984).

A cognição social está relacionada à construção individual, porém, altamente influenciada por aspectos sociais, da consciência de quem o indivíduo é, da percepção de si, de quem ele acredita ser, ou mesmo o papel social que ele deva cumprir, perfazendo um sistema de processos e conteúdos mentais inter-relacionados que exercem influência sobre as tomadas de decisões, comportamentos e valores dos indivíduos (Krüger, 2004).

Perceber o indivíduo com um ator social e discutir os aspectos da cognição social quando ao abordar o processamento dos estereótipos esclarece pontos importantes do entendimento de que o sujeito é um agente que afeta ao passo que é afetado pelos outros, uma vez que em sociedade todos estão interligados (Vala, 1993). Desse modo, compreende-se que a cognição social, dimensão integrada pelo conhecimento que o sujeito tem sobre si, sobre o outro, o lugar social ocupado, a necessidade de pertença grupal e de relações sociais, também se aproxima de um outro construto que é igualmente importante para a compreensão dos estereótipos: a identificação social do indivíduo, ou seja, a identidade social (McGarty et al., 2002; Tajfel, 1978).

Definida como uma parcela do autoconceito do indivíduo que provém da consciência dele de pertencimento a um grupo ou vários grupos sociais (Tajfel & Turner, 1979), a identidade social praticamente não foi abordada no *corpus* estudado, estando presente apenas no texto de Smith e Alpert (2007). A consciência do pertencimento a um grupo implica numa série de significados e valores emocionais construídos pelo sujeito. E o sentimento de pertencimento será extremamente importante nos processos de diferenciação e, sequencialmente, na exclusão do diferente. De modo que este aspecto se faz marcadamente presente nas relações intergrupais e correlacionado diretamente com a perspectiva tendenciosa de

enxergar o próprio grupo mais positivamente do que o grupo do outro (Deschamps & Moliner, 2009).

Outro construto pouco explorado pelos autores deste *corpus* foram o de crenças. Elas são constituídas pelas experiências pessoais, podem se referir a aspectos exclusivamente particulares e podem ser compartilhadas. E por serem formadas a partir de conclusões, de processos perceptuais, da experiência ou mesmo entendimento pessoal, as crenças se mostram altamente suscetíveis às interferências dos aspectos constitutivos do sujeito (personalidade, motivação, atenção, cognição e aspectos fisiológicos), de modo que elas não têm a obrigatoriedade de serem verdadeiras (Hamilton et al., 1990).

E com o passar do tempo, as crenças cristalizam-se a nível cognitivo, sendo atribuídas a elas, graus de confiabilidade subjetiva, que se relacionarão com outras crenças anteriormente já estabelecidas, tornando-se cada vez mais um conhecimento fixo na mente a respeito de determinado estímulo social (Krüger, 2004; Techio, 2011), o que se relaciona com um outro construto intensamente citado e abordado pelos autores neste *corpus*: os esquemas. Entretanto, devemos salientar, que se faz necessário esclarecer ao leitor como as crenças estão relacionadas com nossas experiências, e como elas podem significar um aprendizado errôneo, uma vez que desde a percepção, já há interferências pessoais e sociais no processo de consolidação da informação.

Os esquemas são estruturas cognitivas complexas que representam o conhecimento de determinado indivíduo sobre um conceito ou classe de estímulo, atributos e as relações entre eles (Fiske & Taylor, 1984). Ou seja, eles são como estruturas mentais constituídas de conhecimentos e expectativas gerais. Estruturas estas que participam do processo de percepção, influenciando significativamente na forma como a experiência torna-se em conteúdo fixo na mente e, habitualmente recorrido para interpretar a realidade perceptiva do indivíduo. Inclusive, há uma necessidade processual dos esquemas para a decodificação perceptiva do sujeito (Krüger, 2004). Sendo

assim, se entendidos como estruturas abstratas dos conhecimentos armazenados na memória, que são construídos por meio de crenças, aprendizagens e experiências, pode-se concluir que os esquemas se diferenciam de várias formas. Por exemplo, quanto às estruturas mentais relacionadas aos papéis sociais do indivíduo, elas podem se constituir num modelo de expectativas de desempenho do grupo (Krüger, 2013).

Os esquemas são os responsáveis pelo processamento da informação percebida pelo indivíduo de modo a ativar nele estruturas correspondentes. Em outras palavras, argumenta-se que a percepção de um fato ou objeto social, ativará os esquemas mentais correspondentes. E mesmo numa situação em que poucas informações sejam percebidas pelo sujeito, o esquema correspondente será ativado, sobretudo porque sobre a ativação dos esquemas não se pode negligenciar as variáveis intervenientes presentes no processo, tais como as crenças, motivações, emoções (Techio, 2011; Krüger, 2013).

Por fim, a categorização foi o construto mais utilizado pelos autores para descrever os estereótipos. Talvez seja porque a capacidade de discriminar e agrupar os indivíduos e grupos pelas suas semelhanças e diferenças sintetize uma série de crenças, esquemas e julgamentos a respeito dos grupos (Tajfel, 1981).

A categorização social pode ser entendida como um processo cognitivo no qual as características ou atributos dos objetos sociais são diferenciados e agrupados de modo que seja possível distinguir os atores sociais individualmente ou quando agrupados (Allport, 1954; McGarty et al., 2002). Assim, o processo de categorização se define pelo empenho do enquadramento de uma realidade percebida à uma representação mental já armazenada, ou seja, a uma categoria. Ela ocorre na circunstância em que o sujeito deixa de ser um indivíduo e passa a ser percebido como parte integrante de um todo, sendo isso possível pela cor de pele, gênero, idade; ou as mais diversas modalidades possíveis, tais como, condição social, religiosa,

econômica. E muitas vezes tais aspectos podem se constituir no conteúdo das estereotípias (Pereira, 2013, 2019; Tajfel, 1981).

A categorização é um processo natural do sujeito, apresentando consequências diretas na diferenciação intercategoriais (identificação das diversas categorias) e na assimilação intracategoriais (reconhecimento de semelhanças entre os indivíduos do grupo de pertença), corroborando uma visão do indivíduo como uma extensão do grupo ao qual ele pertence, o que se constituirá numa fonte potencial da estereotípias (Fiske, 1998; Pereira, 2013). Sobretudo, quando é acrescido teor valorativo às referidas características, as categorizações tenderão a desempenhar uma função no processo da estereotipagem. O que queremos argumentar é que ao passo que é natural o processo de categorização, é o caráter valorativo associado aos atributos que se constituem em integrantes do processo de estereotípias (Tajfel, 1981).

Outro resultado encontrado a partir das análises deste *corpus* foi que as discussões sobre o conteúdo dos estereótipos foram contempladas apenas em quatro textos (Chalabaev et al., 2013; Cuddy et al., 2008; Czopp et al., 2015; Dovidio et al., 2009). E sobre estes resultados, argumenta-se que a pouca discussão observada neste *corpus* revela uma importante ausência de um aspecto extremamente importante para a compreensão sobre o tema, pois a literatura sobre o conteúdo dos estereótipos abarca uma série de característica do indivíduo, que podem referir a aspectos do fenótipo, interesses, papéis sociais, profissionais, de gênero, sexuais, formação política, étnicos raciais, idade e assim por diante. Inicialmente, os estudos sobre o conteúdo dos estereótipos estavam associados a investigação sobre atributos de grupos sociais (ver a trilogia de Princeton, Gilbert, 1951; Karlins et al., 1969; Katz & Braly (1933), entretanto, na atualidade há um consenso de que eles não se limitam a atributos e estão associados ao compartilhamento de traços de personalidade, emoções, afetividade e cognições entre os membros do grupo, demonstrando um padrão no

conteúdo dos estereótipos (ver Fiske et al., 2002; Fiske et al., 1999).

É válido ressaltar que o conteúdo dos estereótipos é produzido a partir das interferências sociais que se efetivam nas formas como se estruturam as relações e assimetrias de poder entre os grupos. Eles surgem da configuração de dominação social, que para manter-se ativa, precisará de grupos que assumam o papel dominante e o papel de dominado, associado ao conceito de status quo grupal, ao passo que aspectos são em si preditores da formação dos conteúdos da estereotipia (Fiske et al., 1999). É a partir da construção das interações intergrupais que a percepção de um traço, e a atribuição valorativa positiva ou negativa vão modelando a realidade social compartilhada entre os grupos, estabelecendo qual o conteúdo será aplicado para estereotipar o grupo dominante e o dominado, mantendo relação de interdependência cooperada e de exploração (Techio, 2011).

E por fim, as últimas análises deste *corpus* levaram em consideração os aspectos mantenedores da estereotipia, ou seja, as funções que eles desempenham. Como resultado, observou-se que as funções dos estereótipos foram brevemente discutidas ou explicitadas de forma didática em apenas sete trabalhos (Chalabaev et al., 2013; Cuddy et al., 2008; Czopp et al., 2015; Dovidio et al., 2009; Hamilton et al., 1990; Uhlmann et al., 2010; Yzerbyt et al., 1997).

Como critério de inclusão do autor como contemplando a temática, foi estabelecido que bastaria que ele abordasse a função em seu texto, não necessariamente fazendo um tratado sobre a função em si, não sendo necessário um tópico específico para tal, mas que direta ou indiretamente, apresentasse a função atrelada às discussões. Desse modo, seis trabalhos omitiram ou não apresentaram uma relação de funcionalidade dos estereótipos para a sociedade, embora, tenha sido possível extrair algumas funções citadas ou subentendidas na discussão do texto. Mais especificamente, foi possível constatar que a função social dos estereótipos em influenciar a percepção das pessoas foi a mais citada, presente

em oito trabalhos. Em seguida, a função social de explicar a realidade e a causalidade social foi abordada em cinco textos; e a função de diferenciação social esteve presente em quatro textos apenas (ver Tabela 3).

E entre as funções individuais dos estereótipos, observou-se que a função de que eles interferem nas expectativas e no julgamento foi a mais citada, presente em dez textos. Seguida da função de profecias autorrealizadoras citadas em cinco trabalhos, a função de que eles simplificam a realidade foi abordada em quatro trabalhos e a de que eles automatizam a realidade foi observada em apenas um texto (ver Tabela 3).

E com relação às funções dos estereótipos constatou-se que, ao menos para esta revisão, foi o aspecto mais bem destacado, pois mesmo quando não explicitada de forma didática, a menção sobre as funções foi feita nos relatos. Cabe ressaltar que há uma vasta literatura que aborda as variadas utilidades práticas dos estereótipos, e que aponta para algumas funções específicas que podem ser discriminadas em duas categorias: as funções individuais e as funções sociais dos estereótipos.

No que diz respeito às funções individuais, destacamos a função de que os estereótipos interferem nas expectativas e no julgamento dos outros, ou seja, eles agem sobre as expectativas do indivíduo, determinando o que é possível esperar em situações específicas, quer sejam os estereótipos positivos ou negativos (Brown, 2010); podendo ser evidenciados na resposta ao membro de um grupo alvo, ou no julgamento social, em suma, eles se apresentam funcionais porque adotam a postura de “hipóteses” sobre o mundo social.

A segunda função social de caráter individual com maior destaque foi a de que eles funcionam como profecias autorrealizadoras. Esta função sugere que os indivíduos diante dos estereótipos que lhe são imputados passam a adotar o comportamento e internalizar os atributos que lhe foram observados, efetuando assim a realização do que outrora fora estereotipado a respeito dele. Ou seja, a expectativa do observador pode influenciar o comportamento do alvo, a tal ponto

Tabela 3
Funções Sociais Citadas pelos Autores do Corpus

Autores/Ano	Título	Funções sociais				Funções individuais			
		Influenciar a percepção das pessoas	Explicar a realidade e a causalidade social	Diferenciação social	Interferem nas expectativas e no julgamento	Profecias autorrealizadoras e proteção do eu	Simplificam a realidade	Automatizam a realidade	
Cuddy et al. (2008)	Warmth and competence as universal dimensions of social perception: The stereotype content model and the BIAS Map								
Chalabaev et al. (2013)	The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions		x	X	x	X	X		
Smith & Alpert (2007)	Explaining police bias: A theory of social conditioning and illusory correlation	x			x				
Abreu (2001)	Theory and research on stereotypes and perceptual bias: A didactic resource for multicultural counseling trainers	x			x	X		x	
Uhlmann et al. (2010)	The motives underlying stereotype-based discrimination against members of stigmatized groups		x	X	x				
Valiquette-Tessier et al. (2015)	Is family structure a cue for stereotyping? A systematic review of stereotypes and parenthood	x			x				
Dordoni & Argentero (2015)	When age stereotypes are employment barriers: A conceptual analysis and a literature review on older workers stereotypes			X					
Czopp et al. (2015)	Positive stereotypes are pervasive and powerful	x	x		x	X			
Hummert et al. (1999)	A social cognitive perspective on age stereotypes	x			x				
Dovidio et al. (2009)	Prejudice, stereotyping and discrimination- Theoretical and empirical overview		x	X	x	X	X		
Blalock & Devellis (1985)	Stereotyping-The-link-between-theory-and-practice				x				
Yzerbyt et al. (1997)	Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception	x	x		x			x	
Hamilton et al. (1990)	Stereotype-based expectancies-effects on information processing	x	X		x	X	X		

que ele, o alvo, assumirá a expectativa que lhe foi imputada; confirmando assim o que era esperado pelo observador.

A terceira mais apresentada pelos autores, a função de simplificação da realidade remonta a uma economia cognitiva (Fiske & Taylor, 1984). Esta função ajudaria na ordenação e categorização das experiências do indivíduo. Esse recurso proporcionaria ao indivíduo uma simplificação da realidade social percebida, reduzindo esforços mentais para o processamento, e automatizando suas respostas aos estímulos recebidos (Devine, 1989; Fiske & Taylor, 1984). E há um consenso teórico sobre a função dos estereótipos de explicar a realidade percebida no ambiente de modo mais simplificado, pois o indivíduo economiza tempo e esforço ao enquadrar o que é percebido a algum esquema, ou crença pré-concebida.

E por fim, a função de automaticidade da realidade foi a menos pontuada pelos autores. Infere-se que a perspectiva cognitivista sobre o processo da estereotipia o enquadra como resultado de um processo do qual os sujeitos não têm consciência e nem controle. Assim, o que define e caracteriza o processo da automaticidade é a sua execução sem que haja intenção consciente do indivíduo (Devine, 1989).

Outra função de caráter individual apresentada na teoria das relações intergrupais não foi observada neste *corpus*. A função de que os estereótipos ajudam na defesa dos valores individuais do sujeito, ou seja, proteção do “eu” não foi relatada por nenhum autor, entretanto, extremamente importante. Para Tajfel (1981), estando os estereótipos presentes no processo de categorização, e sendo a construção das categorias um processo que está carregado de valores sociais, os autoestereótipos, tenderão a possuir valoração positiva, reforçando assim, uma identidade social positiva a respeito de si.

A partir da perspectiva dos estereótipos ajudando na defesa dos valores individuais, infere-se que o processo da estereotipia não é apenas cognitivamente funcional, há nele uma interferência motivacional, que conforme Brown (2010) concluiu, opera de modo a proteger o

ego de uma possível crítica, ou mesmo, como um alimentador, um reforçador com elogios. O prisma de que os estereótipos funcionam como proteção do “eu”, segundo Tajfel (1981), serviria para que o sujeito estabelecesse segurança quanto a seu lugar social a partir da proteção que a estereotipia do outro garantiria sua estabilidade.

Já quanto às funções sociais dos estereótipos, observa-se que a função de que eles influenciam a percepção, foi a mais relatada. Esta função pontua sobre a interferência dos estereótipos na percepção do indivíduo sobre as pessoas e eventos sociais (Tajfel, 1981). Ou seja, os estereótipos modificando a maneira como será percebida e interpretada as ações dos indivíduos que pertencem aos grupos alvos da estereotipia. Segundo Tajfel (1981), há uma tendência no sujeito de selecionar e interpretar as informações que dispõe sobre os indivíduos e grupos de maneira congruente com o que se pensa da categoria a qual ele alocou o indivíduo e grupo. E em decorrência desta avaliação são construídas as bases de atitudes preconceituosas, ora segregadoras e discriminatórias.

A outra função social apontada neste *corpus*, afirma que eles servem para explicar a realidade e a causalidade social. A função descrita por Tajfel (1981) sugere que os estereótipos clarificam a realidade social para o indivíduo, de modo que ele venha a acreditar que o uso deles seja algo autoexplicativo, que se encerre em si mesmo ou, favorecem uma naturalização de um traço que seja percebido como característico do grupo, colaborando com uma explicação do ordenamento social instaurado.

E por fim, a função social menos abordada no *corpus* desta pesquisa, pontua que os estereótipos ajudam o indivíduo a identificar o grupo ao qual ele pertence, a função de diferenciação social. Entende-se como processo de diferenciação a capacidade de distinguir positivamente o seu grupo quando comparado com o “grupo do outro”, isso porque os estereótipos possuem em sua origem a ideologia de favorecimento e manutenção do status quo de um grupo dominante sobre o outro (Brown, 2010; Tajfel 1981; Techio, 2011).

O processo de diferenciação abordado na teoria das relações intergrupais caracteriza como se dão as relações existentes e explicam por meio dos aspectos cognitivos quais são os fatores que influenciam o comportamento com relação aos grupos de um modo geral. Os atributos do grupo ao qual o observador é membro, o “endogrupo”, serão sempre classificados como traços positivos. Já os atributos que caracterizam o grupo do outro, o “exogrupo”, serão classificados como negativos, pois, conforme Oakes et al. (1994) argumentaram, os estereótipos são formados para acentuar as diferenças entre os grupos e servem para dar sentido a realidade do observador.

Conclusões

Objetivou-se nesta revisão sistemática explorar a conceituação, caracterização, aspectos subjacentes dos estereótipos e a interface racial a partir de artigos e capítulos de livros publicados na psicologia nos últimos 40 anos. E considerando os termos de busca e os critérios inclusão dos estudos nesta revisão, como síntese, podemos afirmar que os estereótipos embora sejam amplamente estudados, há pouca publicação nas bases de dados que sejam trabalhos teóricos abordando os aspectos conceituais do tema sobretudo, tendo a raça como interseção.

Como resultado dos diferentes aspectos abordados e definições apresentadas, estabelecemos uma definição dos estereótipos como estruturas cognitivas (crenças e esquemas) compartilhadas a respeito dos atributos de um grupo, usadas pelo observador para processar as informações coletadas do indivíduo alvo, de modo a promover associações que permitam a ele (o observador) inferir atributos do alvo apenas pelo enquadramento dele a determinado grupo ou categoria, de tal maneira que os pensamentos, ações, reações e as expectativas do observador em relação ao alvo sofrerão interferência destas estruturas.

Com relação ao processo de ativação e formação dos estereótipos, entende-se que esse aspecto ainda se constitui numa lacuna a ser melhor esclarecida nos artigos de revisão, pois

pouco foi discutido a respeito destes aspectos. Conjectura-se que tal realidade seja explicada pelo fato de que talvez para os autores a compreensão destes aspectos seja óbvia, de fácil compreensão ou talvez, considerem pouco relevantes para a compreensão da temática.

De igual forma, foi percebida uma carência em maiores aprofundamentos nos aspectos cognitivos do processo da estereotipia, e que há prevalência de explanação do fenômeno a partir de dois construtos específicos, a categorização e os esquemas, em detrimento dos outros que aparecem timidamente. Entretanto, vimos que cognição social, percepção, crenças e a identidade social se constituem em participantes do processo da estereotipia e uma discussão mais aprofundada sobre esses aspectos enriqueceria a compreensão a respeito deste fenômeno.

Um aspecto que foi presente em todos os trabalhos a respeito dos estereótipos tem relação com as funções que eles desempenham na sociedade, pois elas foram objeto de discussão dos autores e, de forma didática ou não, os aspectos da funcionalidade dos estereótipos estavam registrados nos trabalhos analisados. E a partir desta constatação podemos entender que os autores fazem uso da função dos estereótipos para melhor explicá-los a partir de sua utilidade prática nas relações intergrupais.

Uma limitação desta revisão reside na quantidade de trabalhos analisados. Os critérios de inclusão foram bastante abrangentes e, mesmo assim, não resultaram em um *corpus* com uma quantidade de estudos considerável, proporcionalmente, aos estudos empíricos. Por outro lado, reconhecemos que a busca por estudos de revisão de literatura, sinalizam a contramão do que a academia tem estabelecido como parâmetro para estudos das relações intergrupais, e talvez estejamos no estágio de validação teórica e acréscimos que se relacionem com a teoria da psicologia sociocognitiva.

Em suma, acreditamos que há uma carência de estudos que revisem a literatura a respeito dos estereótipos e apresentem outras perspectivas de entendimento sobre o tema e que sejam limitadas as investigações da psicologia social.

De modo que o se é produzido pela ciência psicológica sobre o tema esteja associado as variadas realidades em que o fenômeno da estereotipia se constitua em um atravessamento latente na realidade do sujeito. Em outras palavras, resalta-se que mesmo havendo um reconhecimento que em si o tema “estereótipo” seja objeto de estudo e atuação do psicólogo social, enquanto fenômeno ele precisa ser investigado por mais áreas do saber psicológico. Ademais, salientamos a necessidade de mais artigos teóricos que articulem os estereótipos e raça.

Contribuição dos autores

Israel Jairo: responsável pela realização da busca as bases e elaboração da primeira versão do texto.

Dalila França Xavier: participou como orientadora desde a fase de planejamento, na fase de execução participou da busca na condição de Juíza para decisões e consultas, e apontamentos e correção da elaboração final da versão do texto.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- *Abreu, J. M. (2001). Theory and research on stereotypes and perceptual bias: A didactic resource for multicultural counseling trainers. *The Counseling Psychologist*, 29(4), 487-512. <https://doi.org/10.1177/0011000001294002>
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- *Blalock, S. N., & Devellis, B. M. (1986). Stereotyping-the-link-between-theory-and-practice. *Patient Education and Counseling*, 8(1), 17-25. [https://doi.org/10.1016/0738-3991\(86\)90023-6](https://doi.org/10.1016/0738-3991(86)90023-6)
- Brown, R. (2010). *Prejudice: Its social Psychology* (2nd ed.). Wiley-Blackwell.
- *Chalabaev, A., Sarrazin, P., Fontayne, P., Boiché, J., & Clément-Guillot, C. (2013). The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions. *Psychology of Sport and Exercise*, 14(2), 136-144. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2012.10.005>
- Costa, A. B. C., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In S. H. Koller, M. C. P. de P. Couto, & J. Hohendorff (Eds.), *Manual de produção científica* (pp. 55-70). Grupo A.
- *Cuddy, A. J. C., Fiske, S. T., & Glick, P. (2008). Calor e competência como dimensões universais da percepção social: O modelo de conteúdo estereotipado e o mapa BIAS. *Advances in Experimental Social Psychology*, 40, 61-149. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(07\)00002-0](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(07)00002-0)
- *Czopp, A. M., Kay, A. C., & Cheryan, S. (2015). Positive stereotypes are pervasive and powerful. *Perspectives on Psychological Science*, 10(4) 451-463. <https://doi.org/10.1177/1745691615588091>
- Deschamps, J.-C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: Dos processos identitários as representações sociais*. Vozes.
- DeSousa, D. A., Moreno, A. L., Gauer, G., Manfro, G. G., & Koller, S. H. (2013). Revisão sistemática de instrumentos para avaliação de ansiedade na população brasileira. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 397-410. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300015&lng=pt&tlng=pt
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.1.5>
- *Dordoni, P., & Argentero, P. (2015). When age stereotypes are employment barriers: A conceptual analysis and a literature review on older workers stereotypes. *Ageing International*, 40, 393-412. <https://10.1007/s12126-015-9222-6>
- *Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (1990). Prejudice, stereotyping and discrimination- Theoretical and empirical overview. In *The SAGE Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination* (Chapter 1). Sage. <http://dx.doi.org/10.4135/9781446200919.n1>
- Fiske, S. T. (1998). Stereotyping, prejudice and discrimination. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of Social Psychology* (pp. 357-411). McGraw-Hill.

- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glik, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878–902. <https://10.1037//0022-3514.82.6.878>
- Fiske, S. T., & Taylor, S. (1984). *Social cognition*. Random House.
- Fiske, S. T., Xu, J., Cuddy, A., & Glick, P. (1999). (Dis)respecting versus (dis)liking: Status and interdependence predict ambivalent stereotypes of competence and warmth. *Journal of Social Issues*, 55, 473-491. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00128>
- Gilbert, G. M. (1951). Stereotype persistence and change among college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 245–54. <https://doi.org/10.1037/h0053696>
- *Hamilton, D. L., Sherman, S. J., & Ruvolo, C. M. (1990). Stereotype-based expectancies-effects on information processing. *Journal of Social Issues*, 46(2), 35-60. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1990.tb01922.x>
- Hohendorff, J. V., DeSousa, D. A., Pereira, A. S., & Koller, S. H. (2016). Nas “filas espera”: Tempo entre submissão e de manuscritos em periódicos brasileiros de psicologia. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1329-1341. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-08>
- *Hummert, M. L. (1999). A social cognitive perspective on age stereotypes. In T. M. Hess & F. Blanchard-Fields (Eds.), *Social cognition and aging* (pp. 175–196). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012345260-3/50009-4>
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33(1), 1–27. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01008.x>
- Karlins, M., Coffman, T., & Walters, G. (1969). On the fading of social stereotypes: Studies in three generations of college students. *Journal of Personality and Social Psychology*, 13(1), 1-16. <https://doi.org/10.1037/h0027994>
- Katz, D., & Braly, K. (1933). Racial stereotypes of one hundred college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 28, 280–290. <https://doi.org/10.1037/h0074049>
- Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.), *Estereótipo, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 23-40). EDUFBA.
- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: Temas e teorias* (pp. 263-308). Technopolitik.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. Macmillan.
- McGarty, C., Yzerbyt, V. Y., & Spears, R. (2002). *Stereotypes and explanations stereotypes explanations the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge University Press.
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Blackwell.
- Oakes, P. J., & Turner, J. C. (1990). Is limited information processing capacity the cause of social stereotyping? *European Review of Social Psychology*, 1, 111–135. <http://dx.doi.org/10.1080/14792779108401859>
- Pereira, M. E. (2013). Cognição social. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: Temas e teorias* (pp. 263-308). Technopolitik.
- Pereira, M. E. (2019). Da categorização social à entitatividade: O lugar do outro na psicologia social. In A. Faro, M. E. O. Lima, S. R. F. Enumo, & C. R. Pereira (Orgs.), *Psicologia social e Psicologia da Saúde: Tópicos atuais* (pp. 23-38). CVR.
- Pereira, M. E. (2021). *Estereótipos*. <https://estereotipos.net/autor/estereotipos/>
- Sacco, A. M., Couto, M. C. P. de P., & Koller, S. H.. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-16>
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. Cambridge University Press.
- *Smith, M. R., & Alpert, G. P. (2007). Explaining police bias: A theory of social conditioning and illusory correlation. *Criminal Justice and Behavior*, 34(10), 1262-1283. <https://doi.org/10.1177/0093854807304484>

- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. Academic.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: Studies in social psychology*. Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The socialpsychology of intergroup relations* (Chapter 3, pp. 33-47). Brooks/Cole.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In E. M. Techio & M. E. Lima (Orgs.), *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 21-75). Technopolitik
- *Uhlmann, E. L., Brescoll, V. L., & Machery, E. (2010). The motives underlying stereotype-based discrimination against members of stigmatized groups. *Social Justice Research*, 23, 1-16 <https://doi.org/10.1007/s11211-010-0110-7>
- Vala, J. (1993). *Representações sociais: Para uma sociologia social do pensamento social*. Gulbenkian.
- *Valiquette-Tessier, S. C., Vandette, M.-P., & Gosselin, J. (2015). Is family structure a cue for stereotyping? A systematic review of stereotypes and parenthood. *Journal of Family Studies*, 22(2), 162-181. <http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2015.1049955>
- *Yzerbyt, V., Rocher, S., & Schadron, G. (1997). Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception. In R. Spears, P. J. Oakes, & S. A. Haslam (Eds.), *The social psychology of stereotyping of group life* (pp. 20-50). Blackwell.
- Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de Psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>

Recebido: 15/01/2022

1ª revisão: 1º/09/2022

Aceite final: 03/09/2022